

**VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SILENCIAMENTO: TRADUÇÃO COMENTADA DO CONTO  
ANITILLA, DE ANA MORILLA**

**Altamir Botoso**

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

**Luciana Ferrari Montemezzo**

Universidade Federal de Santa Maria

**Resumo:**

As produções ficcionais de autoria feminina ganharam destaque no século XX, continuaram conquistando espaço na atualidade e têm buscado ressaltar temas que abrangem o universo feminino, seus dilemas e conflitos, como é o caso da violência praticada pelos homens em relação às mulheres, como fruto de uma cultura patriarcal, que ainda persiste no mundo contemporâneo. Assim sendo, nosso objetivo é realizar a tradução para o português do conto *Anitilla*, de autoria da escritora espanhola Ana Morilla e tecer comentários sobre o processo de tradução, enfatizando as escolhas efetuadas, os acréscimos e as particularidades de uma narrativa que recria um evento da realidade no âmbito poético. O suporte teórico pauta-se em Arroyo (2022), Berman (2007), Carvalhal (2003), Martín Zorraquino (2012), Morilla (2020), Venuti (1995). Ao amalgamar a ficção a um evento histórico, Morilla oferece uma representação da problemática que envolve a figura feminina na sociedade ocidental e, provavelmente, em quase todas as partes do mundo, e apesar dos avanços e das tentativas de se transformar essa realidade, ela parece se perpetuar cada dia mais, ao invés de ser elidida completamente da nossa vida em pleno século XXI.

**Palavras-chave:** Anitilla; Ana Morilla; Violência doméstica; Literatura espanhola; Tradução comentada.

**Abstract:**

Fictional productions written by female authors gained prominence in the 20<sup>th</sup> century and continue to have space today, highlighting themes that approach the female universe, the dilemmas and conflicts. For example, cases of violence practiced by men against women that is a result of a patriarchal culture, which persists in our contemporary world. Therefore, our aim is to translate into Portuguese the short story *Anitilla* written by the Spanish writer Ana Morilla and comment on the translation process, emphasizing the choices made, besides the additions and particularities of a narrative that recreates a real event in the poetic scope. The theoretical support was given by Arroyo (2022), Berman (2007), Carvalhal (2003), Martín Zorraquino (2012), Morilla (2020), Venuti (1995). By connecting fiction with a historical event, Morilla gives a representation concerning the problematic surrounding the female figure in the Western society and probably in almost all parts of the world. Despite the advances and attempts to transform this reality, it seems that it perpetuates itself more and more, instead of being completely erased from our lives in the 21<sup>st</sup> century.

**Keywords:** Anitilla; Ana Morilla; Domestic violence; Spanish literature; Annotated translation.

A tradução de uma obra em língua estrangeira implica um processo no qual a sua primeira função, em conformidade com Tania Carvalhal (2003, p. 219), é fazer circular um texto fora da literatura de origem, disseminá-lo, difundi-lo. Nessa perspectiva, consideramos que a tradução é também experiência, “[e]xperiência das obras e do ser-obra, das línguas e do ser-língua. Experiência, ao mesmo tempo, dela mesma, da sua essência” (BERMAN, 2007, p. 18), e que “possibilita o acesso não só a uma obra literária gerada em outra língua, mas a costumes e princípios que o texto, traduzido, veicula” (CARVALHAL, 2003, p. 219).

O ato tradutório reveste-se de grande importância, uma vez que possibilita inserir em um sistema literário um texto que pode gerar modificações e trazer novidades para esse sistema. A esse respeito, é oportuno salientar que

[...] mesmo que vários leitores possam ler uma obra no original, o texto não integra o sistema literário enquanto não for traduzido, enquanto uma forma apropriada ou uma dicção própria não for alcançada na tradição que passa a integrar. Assim, a tradução tem um papel decisivo na transmissão das influências literárias. Frequentemente, a obra traduzida é que diretamente ecoa nos leitores e não o original. Além disso, a tradução traz sempre alguma coisa de novo para o sistema literário e aí funciona nem sempre do mesmo modo do que na literatura original. [...] (CARVALHAL, 2003, p. 230).

As infinitas possibilidades que um texto pode propiciar para o sistema literário no qual é inserido e as diferenças de interpretação que ocasiona em relação ao seu país de origem é um elemento extremamente enriquecedor que permeia as literaturas de distintos países. Por meio deste contato, ambas literaturas conseguem estabelecer um comércio invisível de ideias, de temas, de técnicas narrativas e revitalizam o âmbito da ficção.

A realização da tradução de uma obra em língua estrangeira para qualquer outro idioma envolve um percurso que evidencia, sempre, a sua recepção e dá destaque à figura do seu autor:

Quando o texto é traduzido pela primeira vez, um certo aparato crítico acompanha a tradução. Geralmente, o próprio tradutor ou algum crítico explicam por que o livro foi traduzido e mesmo como foi. Nesse contexto, a crítica literária que avalia a tradução feita é igualmente importante. Ela tem uma função decisiva na recepção de um dado texto, situando os leitores com relação ao autor, à literatura de origem e preparando o terreno para sua adequada leitura. [...] (CARVALHAL, 2003, p. 231-232).

Verifica-se, portanto, que todo processo que envolve a transposição de um texto de uma língua para outra lança luzes sobre a cultura do povo e a literatura na qual ele foi produzido e contribui para que a sua leitura/interpretação seja adequada. Além disso, viabiliza questionamentos a respeito das razões pelas quais esse texto foi traduzido, que lugar ele

passará “a ocupar no novo sistema literário, que modificações ele aí introduz” (CARVALHAL, 2003, p. 233).

Tendo em mente essas questões, a nossa proposta é efetuar uma tradução comentada do conto “Anitilla”, de Ana Morilla, que foi publicado na coletânea *Escribiré tu nombre*<sup>1</sup> (CÁMARA, 2020, p. 23-25), contando com 25 histórias com nomes de mulheres reais. Todas elas foram escolhidas por representarem vozes silenciadas do sexo feminino. Muitas nunca foram famosas e passaram imersas e absorvidas pelos afazeres cotidianos e tendo que cuidar não só da casa, mas de ocupações com trabalhos em espaços externos como escolas, universidades, escritórios etc. Resgatar suas memórias foi um dos objetivos da obra. O conto *Anitilla*, que aqui traduzimos e analisamos, no entanto, mescla anonimato com uma triste memória coletiva.

Assim, os contos que fazem parte do referido volume, foram produzidos nesses espaços físico e temporais e neles

[...] se narram de forma ficcional, memórias vivas de mulheres tão anônimas quanto suas autoras, mas com um heroísmo cotidiano que merece ser contado. No particular de cada uma das protagonistas está o universal narrado. São histórias com nome próprio, nome de mulher, de tempos passados, mas também do presente e seguramente do futuro, histórias que nos permitem olhar-nos em cada uma delas como num espelho temporal. *Escribiré tu nombre* universaliza Alicia, Ana, Ángela, Anitilla, Benita, Camila, Carlota, Carmela, Catalina, Elvira, Irene, Isabel, Leticia, Lola, M.<sup>a</sup> Dolores, Márcia, Mari, Nadine, Noelia, Piedad, Regina, Rosário, Sahar e Vera. Que este livro sirva de homenagem à mulher na perspectiva de mulheres que, em espaços físicos e temporais violentos, ousam dar voz àquelas quem não a tiveram. (CÁMARA, 2020, p. 8-9, tradução nossa)<sup>2</sup>.

Como se pode notar, o relato selecionado para tradução tem a particularidade de tratar de uma narrativa que tem por título o nome da personagem central e se volta para problemáticas que abrangem o universo feminino e que têm persistido ao longo da existência humana. No caso de *Anitilla*, o assunto predominante é a violência doméstica e a convivência da sociedade granadina – e espanhola, por conseguinte – em relação aos maus tratos sofridos pela personagem Ana, causados por seu marido.

A escritora Ana Morilla parte de um fato realmente ocorrido na província de Granada, cuja protagonista foi uma senhora chamada Ana Orantes, moradora do pequeno povoado de

---

<sup>1</sup> Todos os relatos foram escritos por mulheres, que fazem parte de um grupo de escrita criativa denominado *El Laurel de la Azotea* (Granada, Espanha).

<sup>2</sup> No original: [...] se narrende manera ficcionada historias, recuerdos vivos de mujeres tan anónimas como sus autoras, pero de un heroismo cotidiano merecedor de ser contado. En lo particular de cada una de las protagonistas se halla lo universal narrado. Son historias con nombre propio, nombre de mujer, de épocas pasadas, pero también del presente y seguramente de un futuro, historias que permiten poder mirar se en cada una de ellas como em un espejo temporal. *Escribiré tu nombre* universaliza a Alicia, Ana, Ángela, Anitilla, Benita, Berta, Camila, Carlota, Carmela, Catalina, Elvira, Irene, Isabel, Leticia, Lola, M.<sup>a</sup> Dolores, Márcia, Mari, Nadine, Noelia, Piedad, Regina, Rosario, Sahar y Vera. Sirva este libro como un homenaje a la mujer desde el prisma de mujeres que, en espacios físicos y temporales arrebatados, se atreven a poner voz a quienes no la han tenido.

Cúllar Vega, nas proximidades da capital. Cansada de queixar-se à polícia, ao longo da vida, sobre as agressões que ela e os filhos sofriam por parte do marido, Orantes toma uma providência inédita: comparece ao programa televisivo *De tarde en tarde*<sup>3</sup> (GARRIDO, 2022, n. p.) e decide contar sua história, que incluía surras, xingamentos, abusos, silenciamentos, entre outras violências:

Em 4 de dezembro de 1997, a granadina Ana Orantes foi a um programa no Canal Sur. Ela queria contar sua vida. Ela tinha 60 anos e 40 deles foram marcados pelos maus tratos que sofreu em um casamento atroz. Foi ela quem tomou a decisão de ligar para a televisão, e seus filhos Fran e Raquel, com quem morava na época junto com uma neta, se encarregaram de fazê-lo. Várias vezes ficaram sem resposta. ‘Eles não ligaram e ela mandou a gente insistir. Ela queria falar.’ Por fim, convocaram-na para a primeira quinta-feira de dezembro e não foi a sua história, mas a sua perseverança e, talvez, o acaso, que a levaram à televisão. Era o programa *De tarde en tarde*, apresentado por Irma Soriano, e nunca pediram para ela antecipar o que ia falar. Só ali, pouco antes de começar, ela disse ao pessoal do programa o que ia contar. Sabe-se o seguinte: pouco mais de meia hora de entrevista em que deu conta de mais de metade de uma vida de espancamentos, abusos, silêncios e estratégias de sobrevivência para defender os filhos, então oito, embora o casal tivesse 11. (ARROYO, 2022, n. p., tradução nossa)<sup>4</sup>.

Pouco tempo depois de se apresentar no programa televisivo mencionado, Ana foi brutalmente assassinada por seu marido. A partir de então iniciou-se um movimento de mulheres que começaram a protestar, a pedir justiça para os casos de violência doméstica, que eram até então ignorados pelas autoridades policiais, judiciais e pela sociedade espanhola. Foram geradas, assim, alterações e mudanças nas leis a respeito dessa questão e de outras nas quais as mulheres se tornavam vítimas de seus parceiros:

A história de Orantes despertou uma consciência social e um debate público que não existia até então. Centenas de milhares de mulheres se viram reconhecidas nela. Foi dado um primeiro nome: violência doméstica. [...] após o assassinato [1997], em 1999, foi feita uma reforma do Código Penal e da Lei de Processo Penal que introduziu oficialmente a perseguição de maus-tratos (sem queixa da vítima), violência psicológica como crime e medidas cautelares. Estas foram apenas as primeiras consequências da visibilidade da violência que Orantes expôs na televisão. Mais tarde elas chegaram e muitas outras continuam chegando.

---

<sup>3</sup> A entrevista completa pode ser vista em: GARRIDO, José María. El testimonio de Ana Orantes en Canal Sur que cambió la historia sobre la violencia de género. *elPlural*. 23 nov. 2022. Disponível em: [https://www.elplural.com/sociedad/estremecedor-video-de-una-mujer-asesinada-por-el-machismo-en-la-television-que-quiere-cerrar-vox\\_209252102](https://www.elplural.com/sociedad/estremecedor-video-de-una-mujer-asesinada-por-el-machismo-en-la-television-que-quiere-cerrar-vox_209252102). Acesso em: 12 jun. 2023.

<sup>4</sup> No original: El 4 de diciembre de 1997, la granadina Ana Orantes acudió a un programa de Canal Sur. Quería contar su vida. Tenía 60 años y 40 de ellos habían estado marcados por los malos tratos que sufrió en un matrimonio atroz. Fue el la quien tomo la decisión de llamar a la televisión, y sus hijos Fran y Raquel, com quienes convivía entonces junto a una nieta, los encargados de hacerlo. Varias veces se quedaron sin respuesta. ‘No nos llamaban y ella nos decía que insistiéramos. Quería hablar’. Finalmente, la convocaron para aquel primer jueves de diciembre y no fue su historia, sino su perseverancia y, quizá, la casualidad, la que la llevó a la tele. Era el programa *De tarde en tarde*, presentado por Irma Soriano, y nunca Le pidieron que avanzara de quéiba a hablar. Solo allí, poco antes de empezar, dijo a la gente del programa lo que iba a contar. Lo siguiente es conocido: algo más de media hora de entrevista en la que dio cuenta de más de media vida de palizas, abusos, silencios y de estrategias de supervivencia para defender a sus hijos, ocho entonces, aunque la pareja había tenido 11.

Ela foi o gatilho para o despertar da cidadania e da política que já percorreu um quarto de século em que a Espanha não só se tornou um dos países mais igualitários do mundo, mas também criou algumas das leis mais avançadas e alguns dos melhores recursos para a prevenção da violência sexista e a proteção de meninos e meninas. (ARROYO, 2022, n. p., tradução nossa)<sup>5</sup>.

O assassinato covarde de Ana Orantes desencadeou uma série de medidas governamentais e judiciais com o intuito de proteger mulheres ameaçadas ou agredidas por seus cônjuges. A partir desse acontecimento real, a escritora Ana Morilla recriou poeticamente a história de Orantes em seu conto, pautando-se em dados verídicos e transportando-os para o âmbito ficcional em sua narrativa. Tal narrativa, portanto, pode ser caracterizada como uma mescla de eventos factuais que passam a adquirir status literário a partir do olhar de sua autora.

A respeito da escritora Ana Morilla Palacios, é válido sublinhar que ela oferece ajuda para jovens escritores, é revisora, professora de oficinas de escrita criativa e dirige a editora Artificios<sup>6</sup>. É doutora em Teoria da Literatura e Arte e Literatura Comparada; possui Mestrado em Estudos Literários e Teatrais; tem o DEA em Tradição Clássica e Modernidade Literária Hispano-Americana; é especialista universitária em Gênero e Igualdade de Oportunidades e graduada em Filologia Hispânica.<sup>7</sup>

Ela publicou um ensaio sobre erotismo na literatura intitulado de *Libertinos, pornógrafos e ilustrados* (Traspiés, 2016<sup>8</sup>; juntamente com Miguel A. Cáliz); encarregou-se da edição de *El último amor de Safo* e dos *Sonetos* de Mercedes Matamoros (Biblioteca Virtual da Andaluzia, 2013<sup>9</sup>) e *Mercedes Matamoros: El último amor de Safo* (Biblioteca da Universidade de Granada, 2012<sup>10</sup>), o qual é um estudo sobre o erotismo na poesia feminina hispano-americana do final do século; foi responsável também pela publicação da coleção de poemas *La ciudad herida* (AVM, 2013<sup>11</sup>) e numerosos contos em diferentes antologias.

---

<sup>5</sup> No original: El relato de Orantes despertó una conciencia social y un debate público que hasta entonces no existían. Cientos de miles de mujeres se vieron reconocidas en ella. Se le puso un primer nombre: violencia doméstica. [...] después del asesinato [1997], en 1999, se hizo una reforma del Código Penal y la Ley de Enjuiciamiento Criminal que introdujo la persecución de oficio de los malos tratos (sin que hubiese denuncia por parte de la agredida), la violencia psicológica como delito y las órdenes de alejamiento. Fueron solo las primeras consecuencias de la visibilización de la violencia que Orantes expuso en televisión. Después llegaron y siguen llegando muchas otras. Ella fue el disparador del despertar de la ciudadanía y de la política que lleva ya un recorrido de un cuarto de siglo en el que España no solo se ha transformado en uno de los países más igualitarios del mundo, sino que ha creado algunas de las leyes más avanzadas y algunos de los mejores recursos para la prevención de la violencia machista y la protección de mujeres y los niños y las niñas.”

<sup>6</sup> <https://www.artificios.net>

<sup>7</sup> As informações biográficas e bibliográficas a respeito de Ana Morilla foram extraídas do seguinte site: *Billar de Letras*. 2016. Disponível em: <http://billardeletras.com/ana-morilla-palacios>. Acesso em: 04 mar. 2023.

<sup>8</sup> <https://www.traspies.com/>

<sup>9</sup> <https://www.bibliotecavirtualdeandalucia.es/>

<sup>10</sup> <https://biblioteca.ugr.es/>

<sup>11</sup> <https://www.troa.es/editorial/ave-maria/4026/>

Morilla coordenou a antologia de contos por ocasião do centenário de Santa Teresa, *Dolor tan Fiero* (Port Royal, 2015<sup>12</sup>); a antologia de contos históricos *Cervantes tiene quien le escriba* (Traspiés, 2016; junto com Carolina Molina), durante o centenário de Cervantes, e a antologia de contos *La Paloma* (Artifícios, 2017), sobre Frida Kahlo. Em sua editora, promoveu a antologia poética por ocasião do centenário de Rubén Darío *El pájaro azul* (Artifícios, 2016; coordenado por Marina Tapia).

Além disso, ministrou várias oficinas de escrita criativa, foi diretora de Valparaíso: Escola de Escritores de Granada (Fundación Patronato Avemariano), vice-diretora da revista *Garnata: Historia y Actualidades de Granada*, coordenadora da Sala de Cultura do jornal *Ideal* de Granada e das editoras AVM e El Defensor. Coordenou ainda a 1.<sup>a</sup> Jornada de Romance Histórico em Granada (juntamente com Carolina Molina).

Sua escrita volta-se para o universo feminino e os dilemas e problemas que as mulheres enfrentaram no passado e ainda continuam presentes hodiernamente. O conto “*Anitilla*” traz uma temática recorrente nas sociedades patriarcais, nas quais a figura feminina é menosprezada, subalternizada, chegando a extremos em que sua vida é ceifada, como se depreende por meio da leitura do referido relato.

Logo no princípio do processo tradutório, deparamo-nos com uma dificuldade concernente ao título do conto e que vem expresso pelo nome da protagonista com o acréscimo de um sufixo que marca o diminutivo. O uso de diminutivos pode conotar atenuação, redução, proximidade, consideração, cortesia, ironia, desprezo (MARTÍN ZORRAQUINO, 2012, p. 556). No caso específico do emprego da forma diminutiva na narrativa concebida por Ana Morilla, percebe-se um matiz afetivo, que busca transmitir intimidade, afeto, carinho, ternura pela personagem central do relato.

Em português, poderíamos ter optado por empregar o vocábulo “Aninha” no título, cujo emprego do sufixo -inha/inho também pode ser considerado como uma maneira de valorizar afetivamente uma pessoa ou acentuar o sentimento que nutrimos por ela. No entanto, ao manter o título conforme se encontra no texto de partida, instigamos o leitor a perceber a carga emotiva que emana do seu uso e que vem dada pelo contexto, quando a voz da personagem narradora descreve os encontros com Ana, o sentimento de amizade, a solidariedade em relação à situação dramática em que ela vive. Compartilhando a vida ao lado de um companheiro violento e irascível e protegido pela justiça, Anitilla é obrigada a dividir um mesmo espaço com alguém que só a fez sofrer durante toda a sua existência e que, finalmente, é responsável por sua morte.

---

<sup>12</sup> <https://www.marcialpons.es/editoriales/port-royal-ediciones/604/>

Além disso, também acentuamos a dessemelhança, demonstrando que a obra se originou em um contexto estrangeiro. A esta técnica, Venuti (1995) denomina de efeito de estranhamento: chamar a atenção do leitor de que está diante de um texto escrito em outro idioma que não o seu. Neste caso, a opção por manter o nome em espanhol, destacando o estranhamento, também pode vir a causar a sensação de que, apesar da distância linguística e cultural, o tema da violência doméstica ainda é partilhado em grande parte do mundo.

Na língua espanhola, em alguns casos, verifica-se uma tendência a sincopar/reduzir as palavras, como é o caso de “súper”, que transcrevemos abaixo, juntamente com a tradução que julgamos mais adequada:

| Espanhol                                                                                                                                                     | Português                                                                                                                                 |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Se llamaba Ana. Aún la recuerdo con sus bolsas de la compra. Iba andando al <u>súper</u> y volvía a casa cargada. [...] (MORILLA, 2020, p. 23, grifo nosso). | Chamava-se Ana. Ainda me lembro dela, com suas sacolas de compras. Ia andando ao <u>supermercado</u> e voltava para casa carregada. [...] |

Se mantivéssemos a redução do termo destacado conforme se encontra no original, provavelmente o leitor do Brasil seria capaz de entender que a personagem se dirigia ao supermercado. No entanto, em nosso país, não se costuma usar essa forma sincopada e ela certamente soaria estranha para o público nacional. No Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, o emprego de “super” é corrente, mas não nos demais estados brasileiros e, por essa razão, preferimos utilizar a grafia dicionarizada do termo em epígrafe.

As locuções verbais muito frequentemente representam um desafio na transposição de um idioma para outro, como se pode verificar no fragmento abaixo:

| Espanhol                                                                                                                                                                    | Português                                                                                                                             |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] <u>Me habían destinado</u> a esta zona de Granada y <i>me</i> estaba costando más de lo esperado acostumbrarme al cambio. [...] (MORILLA, 2020, p. 23, grifos nossos) | [...] <u>Tinha sido transferida</u> a esta área de Granada e estava custando mais do que o normal <i>para me</i> acostumar à mudança. |

Na variante peninsular, nota-se uma espécie de redundância no emprego dos pronomes oblíquos e, a tradução para o português, faz-se necessário suprimir alguns deles, como ocorre no início do trecho acima. Nesse mesmo período, ao traduzir o verbo “destinado”, que está no particípio no texto fonte, escolhemos a forma verbal “transferida”, que preserva o significado em espanhol e acentua a ideia do deslocamento da personagem narradora, que se sente solitária no novo local, que lhe foi designado e não se sabe por quem (se por uma empresa ou em razão da realização de algum trabalho, pois isso não é esclarecido no texto). O que fica



evidente é a sua insatisfação por ser obrigada a viver em uma área rural, pois ela se considera como uma habitante de centros urbanos.

O substantivo “pueblo” é uma daquelas palavras que sempre carregam certa dificuldade na sua “transcrição” para o nosso vernáculo e ele surge em duas passagens do conto:

| Espanhol                                                                                                                                                                       | Português                                                                                                                                                       |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] Soy un animal urbano y aquella sensación de tiempo detenido que se vive en los <u>pueblos</u> no va conmigo. [...] (MORILLA, 2020, p. 23, grifo nosso).                  | Sou um animal urbano e aquela sensação de tempo parado que se vive nas <u>cidadezinhas</u> não combina comigo. [...]                                            |
| Después de su muerte, el defensor del <u>Pueblo</u> hizo público un informe donde concluía que la sociedad disculpaba la violencia. [...] (MORILLA, 2020, p. 24, grifo nosso). | Depois de sua morte, o Promotor <sup>13</sup> Público da <u>cidadezinha</u> divulgou um relatório em que concluía que a sociedade desculpava a violência. [...] |

No *Diccionario de la Lengua Española* – (DRAE), encontramos as seguintes definições para o termo “pueblo”<sup>14</sup>:

1. m. Cidade ou vila.
2. m. População de categoria inferior.
3. m. Grupo de pessoas de um lugar, região ou país.
4. m. Pessoas comuns e humildes de uma população.
5. m. País com governo independente. (tradução nossa)

É importante destacar, ainda, que optamos por alterar a grafia de *Pueblo*, em maiúsculas espanhol, por *cidadezinha*, em português. Ainda de acordo com a autora, no mesmo correio eletrônico em que esclarece sobre a figura do Promotor Público:

Poderia ser escrito totalmente em minúsculas como qualquer cargo público ou posto, presidente, advogado, senador, deputado, rei, papa, imperador.... ou colocá-lo em maiúscula no relato, para não o confundir precisamente com o povoado de Cúllar, em Granada. (MORILLA, 2023, n. p.)

<sup>13</sup> O termo “defensor del Pueblo” causou-nos estranheza, também, pela figura de autoridade a que remetia. O uso da maiúscula sugeria a existência de um ente de autoridade pública intermediando o conflito familiar. Contudo, não encontramos nenhuma fonte fiável para apoiar nossa tradução. Neste caso, optamos por solicitar ajuda da própria Ana Morilla, que assim nos respondeu: “É um cargo do governo chamado *Defensor del Pueblo*. É designado pelo parlamento para proteger os cidadãos frente a possíveis abusos do governo ou de qualquer instituição ou empresa ou pessoa. Como um advogado dos cidadãos, onde apresentar-se ante uma situação difícil. Também fazem estudos e relatórios importantes com estatísticas de mulheres maltratadas.” (MORILLA, 2023, n. p.). (Tradução nossa, a partir de e-mail enviado pela autora em 20/04/2023).

<sup>14</sup> 1. m. Ciudad o villa; 2. m. Población de menor categoría; 3. Conjunto de personas de un lugar, región o país; 4. M. Gente común y humilde de una población; 5. País con gobierno independiente (*Diccionario de la Lengua Española*, 2022, n. p.).



Atentos às sugestões da autora, percebemos que não seria necessário pensar sobre isto, uma vez que já havíamos decidido por *cidadezinha* no lugar de *povoado*. Isto porque o uso do segundo nos pareceu muito mais restrito no português do Brasil.

Não só a existência de vários significados para um único vocábulo em espanhol, mas também a ocorrência de uma gama de palavras em português que carregam o sentido de cidade pequena tais como “povoado, distrito, província”, além daquelas que pertencem ao jargão jurídico: “comarca, jurisdição”, dificultam o processo tradutório desse sintagma. A eleição de “cidadezinha/s” nos pareceu pertinente e apropriada, já que esse substantivo na sua forma diminutiva dá a ideia de pequena localidade, que é o que vem expresso no texto de Morilla e fica patente pela possibilidade de aproximação entre a narradora e Ana, uma vez que em cidades pequenas, todos acabam se conhecendo e se aproximando de alguma maneira, fato que se torna mais difícil em centros mais populosos.

A necessidade de alguns acréscimos também acompanhou o percurso de transpor um texto de um idioma para outro. Vejamos alguns casos nos quais julgamos pertinente agregar elementos ao texto de chegada:

| Espanhol                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Português                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Necesitaba hablar con alguien. <u>Eso le debo a Ana</u>, un ratillo de charla, a veces en mi <i>cocina</i>, con un café, otras en la suya o en la puerta de su casa; esa que compartía con el exmarido.</p> <p>Un apañó raro, legal, pero raro. El hombre abajo, ella arriba. El patio para los dos. <u>Le dio pena</u>, cuando el divorcio y aceptó el trato. Después, cuando quiso comprarle su parte, él se negó. A veces se ausentaba por un tiempo. Iba con su nueva pareja, aunque siempre volvía, no sé a qué, además de discutir con Ana cuando se la cruzaba. [...] (MORILLA, 2020, p. 23, grifos nossos)</p> | <p>Necessitava falar com alguém. <u>Isso eu devo à Ana</u>, um pouquinho de conversa, às vezes na minha cozinha, com um café, outras na <u>cozinha</u> dela, ou na porta de sua casa, aquela casa que ela compartilhava com o ex-marido.</p> <p>Um acordo estranho, legal, mas estranho. O homem embaixo, ela em cima. O pátio para os dois. Teve pena <u>dele</u> quando se divorciaram e aceitou o trato. Depois, quando quis comprar sua parte, ele se negou. Às vezes se ausentava por um tempo. Ia com sua nova namorada, mas sempre voltava, não sei por quê, a não ser para discutir com Ana quando se encontrava com ela. [...]</p> |

Em três momentos, houve a necessidade de acrescentar elementos ao texto traduzido. No primeiro, agregamos um sujeito (eu) ao verbo “devo”, como uma forma de dar mais fluidez à tradução e também como um modo de enfatizar a ação praticada pela voz narradora. Em seguida, optamos por repetir o sintagma “cozinha”<sup>15</sup>, porque julgamos que, com essa medida, evitamos qualquer distúrbio na informação a respeito do local onde se davam as conversações entre a personagem que narra e a protagonista do conto. No último caso, adicionamos um pronome possessivo (“dele”), para que não pairasse qualquer dúvida de que

<sup>15</sup> Aqui, nota-se o processo que Berman (2007, p. 50, grifo do autor) chama de clarificação: “A clarificação é inerente à tradução, na medida em que *todo* ato de traduzir é explicitante.”

Ana sentia pena do ex-marido. Tais acréscimos tiveram como objetivo preservar a mensagem expressa no texto de partida e impossibilitar que as informações dos dois parágrafos pudessem ficar truncadas e dificultassem a compreensão da mensagem do texto de chegada.<sup>16</sup>

Na aventura tradutória, surgem percalços que parecem intransponíveis e um desses se deu quando nos deparamos com o substantivo feminino “medianería”:

| Espanhol                                                                                                                                                         | Português                                                                                                                   |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] Y era fácil cruzarse con ella en esa extraña <u>medianería</u> que tenían, en esa servidumbre de paso algo macabra. (MORILLA, 2020, p. 23-24, grifo nosso) | E era fácil encontrar com ela nessa estranha <u>divisória</u> que tinham, nessa servidão algo macabra, diga-se de passagem. |

Os significados atribuídos a “medianería” no *Diccionario de la Lengua Española* (RAE) (2022, n. p., tradução nossa) são os seguintes: 1. parede comum a duas casas ou outras construções contíguas; 2. cerca, vedação ou sebe comum a duas propriedades rústicas que as delimita. Primeiramente, pensamos em utilizar uma explicação que acabaria exigindo mais elementos para dar conta do que foi dito no relato em espanhol, algo como “compartilhamento de um mesmo espaço”. No entanto, a solução encontrada – divisória – parece eficaz para explicitar que Ana e seu ex-companheiro eram obrigados a conviver em um mesmo espaço, fato que exacerbava as ofensas e agressões que ele dirigia a ela e aos filhos.

Às vezes, mesmo quando se tem um termo idêntico na língua do texto de chegada, ele não é o mais apropriado, conforme se verifica em relação ao vocábulo “asaltos (esp.) / assaltos (port.)” no seguinte trecho da obra da escritora granadina:

| Espanhol                                                                                                                                                                            | Português                                                                                                                                                                  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] Golpes, humillaciones, a ella y a los hijos. Para las hijas <u>asaltos</u> que no nombro. Ana necesitaba contar, vomitar la verdad. [...] (MORILLA, 2020, p. 24, grifo nosso) | [...] Golpes, humilhações, tanto para ela como para os filhos. Para as filhas, <u>ataques</u> que não me atrevo a nomear. Ana necessitava contar, vomitar a verdade. [...] |

<sup>16</sup> Conforme salienta Berman (2007, p. 51), “[t]oda tradução é tendencialmente mais longa do que o original. [...] o acréscimo [...] aumenta a massa bruta do texto, sem aumentar sua falância ou sua significância. [...]”.

A utilização de “assaltos” no trecho traduzido funcionaria como um falso amigo, uma vez que não se trata de um assalto aos moldes do que conhecemos no Brasil, mas sim de uma atitude no âmbito doméstico, produzido entre familiares. A solução que encontramos, no nosso entender, adequa-se ao sentido do que vem expresso em língua espanhola, além de pôr em evidência e acentuar as ações violentas praticadas pela figura paterna.

Ainda no fragmento acima, realizamos a adição de um verbo (“atrever”), o qual serviu para salientar e reforçar o sentido de “nomear”. Dessa maneira, se sobressai a carga semântica desse verbo, exteriorizando o horror da narradora diante das atrocidades perpetradas pelo genitor em relação às filhas.

Outra passagem que guarda ressonâncias com o uso de uma palavra existente nos textos de chegada e de partida, durante o percurso da tradução, é o verbo “rezar”:

| <b>Espanhol</b>                                                                                                                                            | <b>Português</b>                                                                                              |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] Hoy, Ana tiene un monumento y muchas calles en Andalucía. “Es memoria y ejemplo”, <u>reza</u> una de sus placas. (MORILLA, 2020, p. 24, grifo nosso) | Hoje, Ana tem um monumento e muitas ruas na Andaluzia. “É memória e exemplo, <u>reza</u> uma de suas placas.” |

Essa forma verbal existe em português com o mesmo significado da língua espanhola. O verbo em destaque no fragmento transcrito, poderia ser traduzido por “dizer”, para compor o significado do que vem expresso em castelhano, e estaria resguardando o sentido que vem dado no texto fonte e também garantiria uma certa coloquialidade para a nossa língua. Contudo, a preferência pela tradução do vocábulo por “reza”, no nosso entender, confere uma carga expressiva ao trecho traduzido, que enfatiza a importância de se respeitar as mulheres e ao fato de que não se deve tolerar que nenhuma representante do sexo feminino seja vítima de qualquer tipo de violência praticada pelo seu cônjuge ou por qualquer figura masculina.

A reprodução de qualquer produção textual em prosa em uma língua diferente daquela em que ela foi originalmente escrita deve vir sempre acompanhada de um exercício de humildade por parte do tradutor, já que dificilmente se poderiam conseguir equivalências perfeitas entre o texto de origem e o de chegada:

[...] nenhum tradutor pode estar inteiramente seguro de ter encontrado a solução perfeita, porque os conhecimentos que temos hoje das diferentes línguas, dos processos de criação e de transcrição literárias abalaram as certezas anteriores. (CARVALHAL, 2003, p. 218).

Assim, o nosso esforço em traduzir para a nossa língua o conto de uma escritora espanhola tem o propósito de divulgar os seus escritos no nosso país e integrá-lo ao nosso

sistema literário, fato que certamente pode ensejar estudos sobre suas obras. Além disso, também pode propiciar análises no âmbito da literatura comparada, que ponham em destaque semelhanças, diferenças, consonâncias e dissonâncias entre escritas de autoria feminina brasileira e estrangeira.

Merece ser ressaltado ainda que a temática da violência relacionada ao universo feminino e que perpassa o relato de Morilla é um opróbrio, uma mancha indelével que macula a América Latina e todos os países nos quais o sistema patriarcal ainda se mantém em vigor e que continua vitimando as mulheres. Nesse sentido, a literatura pode se transformar em um elemento de conscientização, de problematização dessa questão tão pungente da nossa realidade contemporânea. Quem sabe tal reflexão encorajará atitudes que possam efetivamente mudar tal realidade e representar um avanço nas relações entre seres do sexo masculino e do feminino, sem que nenhum deles se julgue superior ou mais importante que o outro, mas que estejam em harmonia e possam conviver pacificamente.

Portanto, traduzir e comentar uma narrativa que está em sintonia com os tempos atuais, é uma maneira de salientar a importância da ficção, que serve não só para o deleite, mas também para criticar e provocar mudanças em atitudes e comportamentos retrógrados. Contar a triste história de Ana Orantes, queimada viva por seu ex-marido, certamente nos faz pensar em Maria da Penha, que dá nome à lei brasileira de proteção às mulheres e faz com que percebamos que a violência machista está longe de ser considerada um fato isolado. Neste sentido, trazer à tona esta discussão significa, em última instância, valorizar e divulgar cada vez mais as produções de autoria feminina, quer sejam nacionais, quer sejam estrangeiras, e que devem ser lidas, estudadas, discutidas, analisadas nos meios acadêmicos e em todas as áreas do conhecimento.

### *Anitilla*

“Anitilla, perdóname”, le rogaba.

Lloraba mucho para mostrar su arrepentimiento.

Inés Gallastegui, “Una muerte anunciada”.

*La Verdad.*

Se llamaba Ana. Aún la recuerdo con sus bolsas de la compra. Iba andando al súper y volvía a casa cargada. Yo era su vecina. Me habían destinado esa zona de Granada y me estaba costando más de lo esperado acostumbrarme al cambio. Soy un animal urbano y

aquella sensación de tiempo detenido que se vive en los pueblos no va conmigo. Más cuando no tienes familia ni amigos cerca.

Necesitaba hablar con alguien. Eso le debo a Ana, un ratillo de charla, a veces en mi cocina, con un café, otras en la suya o en la puerta de su casa; esa que compartía con el exmarido.

Un apañío raro, legal, pero raro. El hombre abajo, ella arriba. El patio para los dos. Le dio pena cuando el divorcio y aceptó el trato. Después, cuando quiso comprarle su parte, él se negó. A veces se ausentaba por un tiempo. Iba con su nueva pareja, aunque siempre volvía, no sé a qué, además de discutir con Ana cuando se la cruzaba. Y era fácil cruzarse con ella en esa extraña medianería que tenían, esa servidumbre de paso algo macabra.

Él no solo la convirtió en madre de once hijos sino también en estadística, la número cincuenta y nueve de 1997. Ese año hubo noventa y una; fue el primero en que empezaron a contarlas oficialmente. A las víctimas.

Lo hizo de espaldas, para que no pudiera defenderse. Un litro y medio de gasolina y un mechero. También iba con las bolsas de la compra, como yo la recuerdo.

Trece días habían pasado desde que lo denunció en un plató de televisión. *De tarde en tarde* se llamaba. Golpe, humillaciones, a ella y a los hijos. Para las hijas asaltos que no nombro. Ana necesitaba contar, vomitar la verdad. Vaya si lo hizo. Y algo más: cambió la conciencia del país, rompió el silencio, puso nombre al calvario que otras mujeres sufrían.

Después de su muerte, el defensor del Pueblo hizo público un informe donde concluía que la sociedad disculpaba la violencia. Su caso sirvió para modificar el código penal, para crear una ley. Para que supiéramos que los puñetazos o los insultos no son fruto de un arrebato pasajero sino el centro de la relación. Era esa época en que las mujeres denunciaban y en algunas comisarías las enviaban de nuevo a casa, con sus maridos. Hoy, Ana tiene un monumento y muchas calles en Andalucía. “Es memoria y ejemplo”, reza una de sus placas.

Una de aquellas tardes, entre café y café, cuando yo lloraba de puro desespero por no estar en mi casa, en mi tierra, ella me contó que la primera vez que solicitó el divorcio, el juez se lo denegó porque su marido lloraba mucho y un hombre que llora tanto es que debe querer a su mujer.

*Anitilla*

“Anitilla, perdoa-me”, pedia-lhe.

Chorava muito, para mostrar seu arrependimento.

Inés Gallastegui, “Una muerte anunciada”.

Chamava-se Ana. Ainda me lembro dela, com suas sacolas de compras. Ia andando ao supermercado e voltava para casa carregada. Eu era sua vizinha. Tinha sido transferida a esta área de Granada e estava custando mais do que o normal a me acostumar à mudança. Sou um animal urbano e aquela sensação de tempo parado que se vive nas cidadezinhas não combina comigo. Mais ainda quando você não tem família nem amigos por perto.

Necessitava falar com alguém. Isso eu devo à Ana, um pouquinho de conversa, às vezes na minha cozinha, com um café, outras na cozinha dela, ou na porta de sua casa, aquela casa que ela compartilhava com o ex-marido.

Um acordo estranho, legal, mas estranho. O homem embaixo, ela em cima. O pátio para os dois. Teve pena dele quando se divorciaram e aceitou o trato. Depois, quando quis comprar sua parte, ele se negou. Às vezes se ausentava por um tempo. Ia com sua nova namorada, mas sempre voltava, não sei por quê, a não ser para discutir com Ana quando encontrava com ela. E era fácil encontrar com ela nessa estranha divisória que tinham, nessa servidão algo macabra, diga-se de passagem.

Ele não apenas a converteu em mãe de onze filhos, mas também em estatística, a número cinquenta e nove de 1997. Nesse ano, houve noventa e uma; foi o primeiro em que começaram a contá-las oficialmente. Às vítimas.

Agiu pelas costas, para que ela não pudesse se defender. Um litro e meio de gasolina e um isqueiro. Também carregava nas mãos as sacolas de compras, da mesma forma que eu me lembro dela.

Treze dias haviam passado desde que ela o denunciara em um programa de televisão. *De tarde en tarde*, chamava-se. Golpes, humilhações, tanto para ela como para os filhos. Para as filhas, ataques que não me atrevo a nomear. Ana necessitava contar, vomitar a verdade. E foi o que fez. E ainda mais: mudou a consciência do país, rompeu o silêncio, deu nome ao calvário que outras mulheres sofriam.

Depois de sua morte, o Promotor Público da cidadezinha divulgou um relatório em que concluía que a sociedade desculpava a violência. Seu caso serviu para modificar o código penal, para criar uma lei. Para que soubéssemos que as bofetadas ou os insultos não são frutos de um arrebatamento passageiro, mas sim o centro da relação. Era aquela época em que as mulheres denunciavam e, em algumas delegacias, eram enviadas de novo para casa, com seus maridos. Hoje, Ana tem um monumento e muitas ruas na Andaluzia. “É memória e exemplo”, reza uma de suas placas.

Numa daquelas tardes, entre café e café, quando eu chorava de puro desespero por não estar na minha casa, na minha terra, ela me contou que na primeira vez que solicitou o divórcio, o juiz o negou, pois seu marido chorava muito. Afinal, se um homem chora tanto é porque deve amar muito a sua mulher.

## Referências

ARROYO, J. 25 años del asesinato de Ana Orantes, que cambió la lucha contra la violencia machista en España. **El País**, Granada, 17 dic. 2022. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2022-12-17/25-anos-del-asesinato-de-ana-orantes-que-cambio-la-lucha-contra-la-violencia-machista-en-espana.html>. Acesso em: 18 mar. 2023.

BERMAN, A. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

CARVALHAL, T. F. Tradução e recepção na prática comparatista. In: CARVALHAL, T. F. **O próprio e o alheio**: ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003, p. 217-259.

DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA (RAE). Disponível em: <https://dle.rae.es/>. Acesso em: 24 mar. 2023.

GARRIDO, J. M. El testimonio de Ana Orantes en Canal Sur que cambió la historia sobre la violencia de género. **elPlural**. 23 nov. 2022. Disponível em: [https://www.elplural.com/sociedad/estremecedor-video-de-una-mujer-asesinada-por-el-machismo-en-la-television-que-quiere-cerrar-vox\\_209252102](https://www.elplural.com/sociedad/estremecedor-video-de-una-mujer-asesinada-por-el-machismo-en-la-television-que-quiere-cerrar-vox_209252102). Acesso em: 12 jun. 2023.

MARTÍN ZORRAQUINO, M. A. Sobre los diminutivos en español y su función en una teoría de la cortesía verbal (con referencia especial a un cuento de Antonio de Trueba). **Cum corde et in nova grammatica**. Universidad de Santiago de Compostela, 2012, p. 555-569. Disponível em: <https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/12235/42b%20Mart%c3%adn%20Zorraquino.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 24 mar. 2023.

MORILLA, A. Anitilla. In: CÁMARA, Elvira (ed.). **Escribiré tu nombre**. Granada: PG Istories, 2020, p. 23-25.

MORILLA, A. **Billar de Letras**. 2016. Disponível em: <http://billardeletras.com/ana-morilla-palacios>. Acesso em: 04 mar. 2023.

MORILLA, A. **Traducción de Anitilla**. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por xxxxxxxxxxxxxxxxxxxx em: 20 abr. 2023.

VENUTI, L. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. *PaLavra* 3, p. 111-134, 1995. Tradução de *The Translator's Invisibility*. **Criticism**, Wayne State UP, v. XXVIII, n. 2, p. 179-212, Spring 1986.